Estudo sobre a sexualidade entre universitários moradores de casas do estudante do Sul do Brasil

Sexuality among university students living in dormitories in South Brazil

Maria Teresa Aquino de Campos Velho[1], Anaelena Bragança de Moraes[2], Alessandro Ferroni Tonial[3], Fernanda Paula Franchini[3], Nelson Barbosa Franco Neto[3], Fernanda Gabriel Santos[3], Luciele Cristofari da Silva[3]

RESUMO

Introdução: A sexualidade é compreendida como o modo como cada pessoa vive a sua condição de homem ou mulher com relação às outras pessoas. Pode manifestar-se de forma diferente para cada momento existencial, em uma mesma pessoa, e de modos distintos para diferentes indivíduos. O trabalho objetivou descrever e analisar as atitudes e os comportamentos sexuais de universitários, moradores das casas de estudantes da UFSM, Santa Maria, RS, e comparou as características entre os sexos para melhor compreender como os jovens dessa população vivenciam sua vida reprodutiva e sexual. Métodos: Estudo transversal, cujos dados foram obtidos através de um questionário com perguntas fechadas, aplicado aos estudantes de forma aleatória, após cálculo amostral. Resultados: Responderam ao questionário 279 estudantes, 50,2% deles homens e 49,8% mulheres. Do total, 7,2% não haviam iniciado as relações sexuais. O percentual de alunos que namoravam foi de 60,9% entre as mulheres e de 42,4% entre os homens. Cerca de 80% das mulheres afirmaram fazer sexo com parceiro fixo, condição referida por 50,7% dos homens (p<0,001). Os homens referiram ter tido um número maior de parceiras sexuais nos últimos doze meses, quando comparados às mulheres. O nível de satisfação com a vida sexual foi maior entre as mulheres (p<0,001). Conclusões: Verificou-se uma mudança no comportamento sexual das mulheres, pois, conforme este estudo, iniciaram a vida sexual quase na mesma idade do que os homens. Foi observado que ambos os sexos tiveram uma iniciação sexual mais tardia e que as mulheres estavam mais satisfeitas com sua vida sexual.

UNITERMOS: Sexualidade, Comportamento, Adolescente, Adulto Jovem, Estudante Universitário.

ABSTRACT

Introduction: Sexuality is understood as the way each person lives his/her status as a man/woman in relation to others. It may manifest itself differently for each existential moment, in one individual person, and in different ways for different individuals. This study aimed to describe and analyze the attitudes and sexual behaviors of college students living in the dormitories of the UFSM, Santa Maria, RS, and compared the characteristics between the sexes to better understand how young people experience their reproductive and sexual life. Methods: Cross-sectional study with data obtained through a questionnaire with closed questions applied to students randomly, after sample calculation. Results: 279 students answered the questionnaire, 50.2% males and 49.8% females. Of the total, 7.2% had never engaged in sexual intercourse. The percentage of dating students was 60.9% among women and 42.4% among men. About 80% of women reported having sex with a steady partner, a situation reported by 50.7% of men (p <0.001). Men having had a greater The number of sexual partners in the last twelve months reported by men was greater than the one reported by women. The level of satisfaction with sex life was higher among women (p <0.001). Conclusions: There was a change in women's sexual behavior, because, as seen in this study, they began to be sexually active at about the same age as men. It was observed that both sexes had a delayed sexual initiation and that women were more satisfied with their sex lives.

KEYWORDS: *Sexuality, Behavior, Teenager, Young Adult, University Students.*

INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM) mantém três casas destinadas ao abrigo de estudantes de ensino médio técnico (escola politécnica), graduação e pós-graduação, que, em grande parte, provêm de outras cidades e não possuem condições de custear sua moradia.

Os moradores, por serem, em sua maioria, adolescentes (10 aos 19 anos) e adultos jovens (15 aos 24 anos) (1), encontram-se no despertar da sexualidade, descobrindo como

[1] Doutora. Professora Adjunta do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria – Direção da DEPE – HUSM.
[2] Doutora. Professora Adjunta do Departamento de Estatística do Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal de Santa Maria.
[3] Acadêmico(a) do curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Maria.

007-613_estudo_sobre_a.pmd 399 21/12/2010, 13:41

lidar com sensações sexuais novas ou mais intensas, conhecendo o amor e o sexo e definindo os papéis sexuais apropriados à idade (2). Dessa forma, ao lado de um aprendizado de vivência sexual saudável, podem surgir questões relacionadas a essas experiências, como evitar uma gravidez inoportuna e prevenir doenças sexualmente transmissíveis (DST).

A sexualidade é compreendida como o modo como cada pessoa vive a sua condição de homem ou mulher com relação às outras pessoas. Essa dimensão da personalidade humana pode ser aprendida como se conhece qualquer outra forma de comportamento, pois acompanha o ser humano desde seu nascimento até sua morte. Pode manifestar-se de forma diferente para cada momento existencial em uma mesma pessoa e de modos distintos para diferentes pessoas (3, 4).

As formas de as pessoas expressarem a sua sexualidade podem ser bastante distintas. Ela não significa apenas os genitais, a reprodução, o coito, a opção sexual. A maneira como as pessoas vivem sua sexualidade é aprendida ao longo da vida, e esse aprendizado deveria ser proporcionado pela educação e pelas próprias experiências (3, 4).

Atualmente, a formação de uma ideologia individualista na sociedade fez com que o despertar para a sexualidade soe como um processo de afirmação individual e gozo da juventude (5). As relações sexuais ou afetivas entre as pessoas podem ser vividas de maneira menos comprometedora e, com o advento da pílula anticoncepcional, separou-se a sexualidade feminina do vínculo com a reprodução. A sexualidade passou, então, a ser evidenciada como uma constante busca do prazer.

A passagem da adolescência e da juventude para a vida adulta é, ainda, marcada por significativas e combinadas mudanças de ordem pessoal, social, psicológica e fisiológica, nem sempre harmoniosas e tranquilas. Esse período marca a transição para a maturidade sexual, e muitos dos comportamentos adquiridos durante essa fase constituirão elementos de definição de comportamentos futuros. Em um contexto cultural, no qual são inúmeros os apelos à erotização das relações, os jovens encontram um terreno fértil para comportamentos de risco, como dirigir sob efeito do álcool, fazer sexo sem proteção, utilizar diversos tipos de drogas. É comum a onipotência juvenil e o pensamento mágico fazerem com que eles se julguem invulneráveis às situações ameaçadoras (6).

Ao ingressarem na universidade, muitos jovens vivenciam novas experiências, como distanciarem-se da família de origem pela primeira vez, residirem com outros estudantes e experimentarem a ausência da supervisão de adultos (7). Em um ambiente de moradia estudantil, tal como as Casas do Estudante Universitário (CEU), ocorre um convívio entre pessoas da mesma faixa etária, muitas vezes em um espaço com pouca privacidade e sem limites territoriais claros, o que enseja adaptações a novos comportamentos e experiências.

O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar as atitudes e o comportamento de jovens universitários, moradores das CEU da UFSM, em aspectos relacionados à sua sexualidade, comparar características entre os sexos e buscar uma melhor compreensão de como jovens com acesso ao ensino superior vivenciam sua vida reprodutiva e sexual nesse contexto.

MÉTODOS

A Universidade Federal de Santa Maria possui três Casas do Estudante Universitário. A CEU I e a CEU II, ambas fundadas na década de 60, acomodam tanto estudantes do ensino médio técnico como do ensino superior, enquanto a CEU III é destinada aos alunos de pós-graduação. Juntas, abrigam cerca de 1.400 estudantes considerados carentes economicamente, oriundos de outras cidades e até mesmo de outros estados, formando, assim, o maior complexo de moradia estudantil do sul do país e possivelmente do Brasil.

Os dados analisados referem-se à parte dos achados do projeto de pesquisa "*Perfil da sexualidade e outras vivências dos moradores das Casas do Estudante (CEU) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)*".

Este é um estudo transversal descritivo, em que a amostra avaliada foi selecionada utilizando-se um processo de amostragem aleatório simples entre estudantes de graduação de diversos cursos, residentes nas unidades CEU I e CEU II. Os moradores da CEU III, estudantes de pós-graduação, foram excluídos por não fazerem parte da população-alvo do estudo.

Para o cálculo do tamanho da amostra, usou-se como base o número de residentes em cada CEU, visando a detectar uma prevalência mínima de 8,8% para homens e 5% para mulheres, relativa à variável DST (variável presente no projeto de pesquisa referido anteriormente, mas não levada em consideração no presente artigo), tendo-se como base outro estudo realizado (8). Foi considerado um erro amostral de 5% e nível de significância de 5%, sendo acrescentado à amostra 10% de seu valor, a fim de neutralizar possíveis perdas e recusas.

A amostra do estudo foi composta por 330 estudantes, homens e mulheres, entre 16 e 36 anos de idade. O processo de amostragem constituiu-se de duas fases. A primeira fase abrangeu o sorteio aleatório, com reposição, de quartos/apartamentos. A segunda fase foi efetuada nos quartos/apartamentos sorteados, em que foi realizada a contagem total de moradores e, mediante dado não viciado, foram sorteados os participantes da pesquisa, de acordo com o número de vezes que o mesmo apartamento foi sorteado na primeira fase. Esse processo foi necessário devido ao número de habitantes de cada apartamento, que varia de um a seis.

Nos domicílios em que ninguém estava presente, o pesquisador retornou até seis vezes, em dias e horários diferentes. Quando o morador sorteado não foi encontrado, considerou-se como perda amostral.

A execução do trabalho de campo ficou a cargo de cinco pesquisadores, todos submetidos a treinamento prévio e participação em estudo-piloto. A coleta de dados foi realizada entre julho e dezembro de 2009.

007-613_estudo_sobre_a.pmd 400 21/12/2010, 13:41

O instrumento de coleta foi entregue a cada indivíduo previamente selecionado no processo de amostragem. Todas as questões relacionadas à privacidade e à confidencialidade do sujeito de pesquisa foram respeitadas.

Neste estudo foram levantadas questões que investigaram características de moradia e comportamento em relação à sexualidade. A maioria das informações sobre a vida sexual dos sujeitos foi obtida por meio de questões de múltipla escolha.

Para a análise dos dados, foi utilizada a estatística descritiva, bem como a análise bivariada, com a utilização dos testes de associação do qui-quadrado e o exato de Fisher. As análises foram desenvolvidas com o auxílio do aplicativo computacional SPSS 15.0. pertencente à Direção de Ensino e Pesquisa do Hospital Universitário de Santa Maria.

O projeto de pesquisa "*Perfil da sexualidade e outras vivências dos moradores das Casas do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria*" foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM. Todos os estudantes, selecionados para responderem o questionário, foram informados sobre os objetivos da pesquisa e do anonimato do questionário. Aqueles que aceitaram participar do estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS

Da amostra selecionada de 330 indivíduos moradores das casas do estudante participaram da pesquisa e foram incluídos nas análises 279 (84,5%) estudantes. Dos 51 restantes, houve 47 perdas e recusas; quatro fichas não foram incluídas no estudo por preenchimento inadequado.

Dos 279 estudantes incluídos na análise, 50,2% eram homens e 49,8% eram mulheres. A média de idade dos entrevistados foi de 21,8 anos para o sexo feminino e de 22,5 anos para o sexo masculino. O tempo médio de moradia na CEU foi de 32,7 meses. Quanto ao tipo de apartamento onde viviam os estudantes, 40,6% moravam em apartamentos exclusivamente masculinos, 39,2% em apartamentos exclusivamente femininos e 20,1% em apartamentos mistos.

Com relação à atividade sexual, 5,8% dos homens relataram nunca ter tido uma relação sexual, enquanto entre as mulheres esse percentual foi de 8,6% (p=0,353). Analisando o total de participantes, esse percentual foi de 7,2%. Dentre aqueles que relataram ter como parceiro sexual pessoas que denominaram "ficantes", 74,1% são homens e 25,9% são mulheres. Entre os que citam "namorado/a" como parceiro, 40,7% são homens e 59,3% são mulheres. Entre os homens, 9,4% afirmaram que fazem sexo com "desconhecidos", quando comparados a 1,5% das mulheres.

Dos estudantes entrevistados, 51,6% disseram ter namorado/a, sendo que a maioria desses foram mulheres. Entre os sujeitos de pesquisa, 6,5% dos homens moravam com as namoradas, enquanto 8% das mulheres viviam a mesma situação (p= 0,008).

A média geral de idade da primeira relação sexual da população estudada foi de 17,2 anos. Para os homens, foi de 16,9 anos e, para as mulheres, foi de 17,5 anos. No mesmo grupo, 47,5% das pessoas iniciaram a vida sexual com o namorado(a), 36,5% tiveram a sua primeira experiência com um "ficante" ou amigo(a), enquanto 6,7% dos estudantes afirmaram que o seu primeiro intercurso sexual foi com uma pessoa desconhecida. O início da atividade sexual, separado por faixas etárias e sexo, bem como quem foi o primeiro parceiro sexual, separado por sexo, encontra-se explicitado na Tabela 1.

Ao analisar-se a frequência sexual verifica-se que há uma equivalência no comportamento entre homens e mulheres. Esses dados estão expressos na Tabela 1. A frequência das relações sexuais é significativamente maior entre os indivíduos que namoram (Tabela 2). Ao serem questionados, 44,6% dos respondentes consideraram que a frequência de sua atividade sexual foi insuficiente (Tabela 1). A maioria das mulheres (62,5%) avaliaram como "normal" a própria frequência sexual, enquanto 48,5% dos homens relataram a mesma impressão (Tabela 1). Do total de estudantes, 65,6% declararam fazer sexo com parceiro fixo, enquanto 6,7% faziam sexo com parceiro fixo e mais alguém, e 21,1% das pessoas não tinham parceiro fixo. Essa divisão está demonstrada, por sexo, na Tabela 1 e, por namoro, na Tabela 2. O número de parceiros nos últimos 12 meses, estratificado por idade e por sexo, está demonstrado na Tabela 1.

Em relação à frequência da masturbação, é possível observar os dados, separados por sexo, explicitados na Tabela 1 e por namoro na Tabela 2.

Quanto ao uso de preservativo pelos casais na relação sexual, pode-se dizer que 64,8% o usaram sempre ou quase sempre, enquanto que 16,2% raramente ou nunca o utilizavam.

Considerando o tipo de sexo realizado pelos estudantes, em geral, 91,1% declararam fazer sexo vaginal; além disso, 53,5% disseram fazer sexo oral e 26,2% sexo anal e/ou outra modalidade. Levando em conta a triagem por sexo, observou-se que o sexo oral e o sexo anal e/ou outra modalidade são mais praticados pelos homens 66,4% e 39,6%, respectivamente. Já as mulheres referiram fazer em 40,9% e 13,1%, sexo oral e anal e/ou outro, respectivamente. As percentagens a respeito do sexo vaginal foram equivalentes para homens (91%) e para mulheres (91,2%).

Em relação à satisfação com a vida sexual, as mulheres relataram estarem satisfeitas, de maneira significativamente diferente dos homens (Figura 1). Com relação à frequência de desejo sexual, os homens relataram senti-lo mais frequentemente do que as mulheres (Figura 2).

Verificou-se que as mulheres conversam sempre ou quase sempre com os seus parceiros sobre sexo, pois 69% das respostas foram afirmativas, enquanto 47% dos homens referiram a mesma prática. Dentre os que raramente ou nunca o faziam, houve prevalência dos homens, com 9,8%. Aproximadamente 12% dos homens responderam que a conversa dependia de quem era a parceira, enquanto

007-613_estudo_sobre_a.pmd 401 21/12/2010, 13:41

TABELA 1 – Comportamento sexual dos estudantes da CEU da UFSM, segundo o sexo. Santa Maria, 2009

	Masculino		Feminino		
	n	%	n	%	*p**
Namoro					< 0,001
Sim	59	42,4	84	60,9	
Não	80	57,6	54	39,1	
Início da atividade sexual					< 0,01
7-14 anos	22	17,2	8	6,5	
15-19 anos	99	77,3	94	76,4	
> 20	7	5,5	21	17,1	
Parceiro da primeira relação sexual					< 0,001
Namorado	36	27,7	100	79,4	
Ficante	59	45,4	20	15,9	
Amigo	19	14,6	4	3,2	
Desconhecido	16	12,3	1	0,8	
Marido/Esposa/Noivo(a)	0	0	1	0,8	
Relações sexuais no último mês					> 0,05
Sim	89	65	95	68,3	
Não	42	30,7	34	24,5	
Nunca fez sexo	6	4,4	10	7,2	
Frequência das relações sexuais					> 0,05
Diariamente	7	5,2	6	4,4	
Mais de uma vez por semana	31	23	34	24,8	
Mais de uma vez por mês	48	35,6	43	31,4	
Cerca de uma vez por mês	21	15,6	15	10,9	
Raramente	22	16,3	27	19,7	
Nunca fez sexo	6	4,4	12	8,8	
Avaliação da própria frequência sexual					< 0,05
Normal	63	48,5	80	62,5	
Insuficiente	67	51,5	48	37,5	
Parceiro sexual					< 0,001
Fixo	68	50,7	109	80,1	
Fixo e mais alguém	16	11,9	3	2,2	
Não fixo	44	32,8	12	8,8	
Nunca fez sexo	6	4,5	12	8,8	
Número de parceiros nos últimos 12 meses					< 0,001
0-3	86	66,7	119	88,1	
4-6	21	16,3	10	7,4	
7-9	8	6,2	2	1,5	
>9	14	10,9	4	3	
Masturbação					< 0,001
Sempre/Quase sempre	37	27,4	7	5,3	
Às vezes	67	49,6	29	22,1	
Raramente/Nunca	31	23	95	72,5	

* *p*-valor do teste do qui-quadrado ou teste exato de Fisher; CEU = Casas do Estudante Universitário; UFSM = Universidade Federal de Santa Maria.

que 5,4% das mulheres referiram essa mesma conduta (*p*=0,004). Cerca de 95% das pessoas afirmaram que o parceiro/a tem o direito de dizer que não está "a fim" de ter uma relação sexual em determinado momento. Para essa situação, não se observou diferença significativa entre os sexos (*p*=0,205).

A prevalência de estudantes que se declararam heterossexuais foi de 95,6%, 2,9% bissexuais e 0,7% homossexuais. Além disso, 0,7% não se enquadraram nessas opções. Entre os bissexuais, havia seis mulheres e dois homens.

Considerando a experiência sexual, os entrevistados foram questionados em relação ao abuso e/ou exploração sexual, sendo que 4,9% relataram já ter sofrido algum tipo de violência ou agressão sexual.

DISCUSSÃO

É importante pontuar que os dados observados neste estudo são provenientes de uma população específica, que se constituiu de universitários adolescentes e, principalmente, adultos jovens de ambos os sexos, moradores das CEUs, considerados carentes segundo os critérios da UFSM e, no momento da aplicação do questionário, residentes na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Procurou-se estudar nesse módulo os modos de vida e o comportamento sexual dos entrevistados. Faz-se a ressalva que é importante atentarmos para o fato de que os temas relacionados à sexualidade apresentam uma carga maior de dificuldade e preconceito para serem abordados e, neste aspecto, serem inquiridos e respondidos com veracidade, prin-

007-613_estudo_sobre_a.pmd 402 21/12/2010, 13:41

TABELA 2 – Comportamento sexual dos estudantes da CEU da UFSM, segundo o namoro. Santa Maria, 2009

	Namora		Não namora		
	n	%	n	%	*p**
Frequência das relações sexuais					< 0,001
Diariamente	10	7	2	1,6	
Mais de uma vez por semana	60	42	5	3,9	
Cerca de uma vez por semana	36	25,2	14	11	
Mais de uma vez por mês	17	11,9	23	18,1	
Cerca de uma vez por mês	10	7	26	20,5	
Raramente	6	4,2	43	33,9	
Nunca fez sexo	4	2,8	14	11	
Satisfação com a vida sexual					< 0,01
Sim	105	76,1	41	32,8	
Não	4	2,9	27	21,6	
Mais ou menos	29	21	57	45,6	
Masturbação					< 0,001
Sempre/Quase sempre	13	9,7	30	23,1	
Às vezes	39	29,1	57	43,8	
Raramente/Nunca	82	61,2	43	33,1	
Parceiro sexual					< 0,001
Fixo	133	93%	43	34,4%	
Fixo e mais alguém	6	4,2%	13	10,4%	
Não fixo	0	0%	55	44,0%	
Nunca fez sexo	4	2,8%	14	11,2%	

* *p*-valor do teste do qui-quadrado ou teste exato de Fisher; CEU = Casas do Estudante Universitário; UFSM = Universidade Federal de Santa Maria.

cipalmente quando se trata de orientação e violência/abuso sexual. Pontua-se que trabalhar com esta temática pode apresentar diversas dificuldades, tanto por parte dos pesquisadores (mesmo treinados) quanto por pesquisados.

Um dos resultados observados diz respeito ao início da atividade sexual entre os jovens e, comparativamente, entre os sexos. Verificou-se, neste estudo, um início tardio das relações sexuais, comparado à literatura consultada. Alguns dados brasileiros revelam que o início da idade média das relações sexuais varia de 14,5 a 16,2 anos para os homens e de 15,2 a 17,9 anos para as mulheres (9, 10, 11). Percebe-se que, na amostra estudada, o início tardio pode ser explicado, possivelmente, pela proveniência dos jovens de cidades do interior do estado e de comunidades cuja atividade familiar, geralmente agrícola, agrega um componente cultural mais conservador. No entanto, verificou-se uma mudança de comportamento importante entre os sexos, já que as mulheres pesquisadas mostraram um início da atividade sexual em idade muito semelhante à dos homens, fato não tão comum até um passado recente.

No tocante ao tipo de parceiro sexual referido como "atual" pelos respondentes, este estudo não mostrou resultados diferentes daqueles conhecidos na literatura consultada. Ao contrário, reforça a bibliografia referente aos estu-

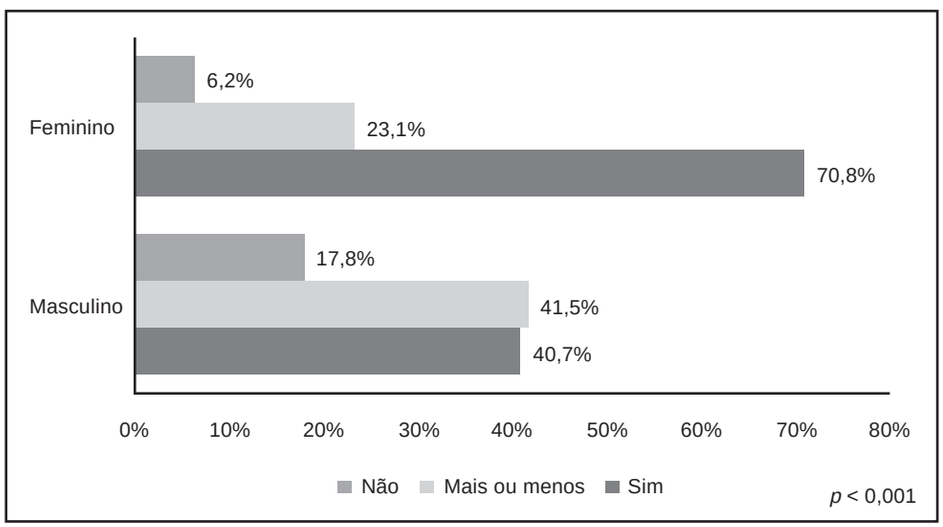


FIGURA 1 – Satisfação com a vida sexual dos moradores das CEU da UFSM. Santa Maria, 2009.

007-613_estudo_sobre_a.pmd 403 21/12/2010, 13:41

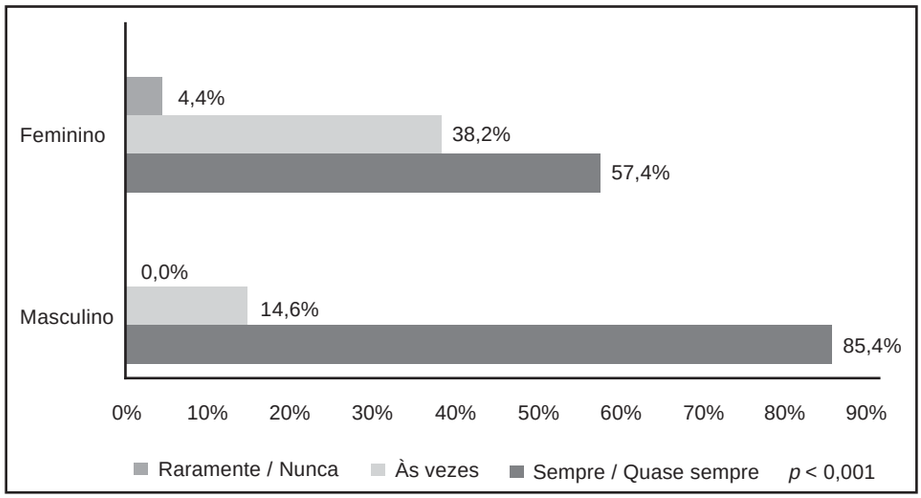


FIGURA 2 – Frequência de desejo sexual nos moradores das CEUs da UFSM. Santa Maria, 2009.

dos de gênero quando revela que os homens têm as suas relações sexuais com diferentes pessoas ao mesmo tempo (44,7%), mais do que as mulheres (11%) (12). Os dados revelados por essa pesquisa reforçam a questão da construção cultural dos comportamentos, que sempre foi mais permissiva aos homens do que às mulheres, e a do que seriam os papéis masculinos com relação à sexualidade. Historicamente, as mulheres sempre foram objeto do controle social pelo fato de seus corpos serem matrizes da reprodução sexual. Com isso, a sexualidade feminina se inscreveu no registro político e moral da periculosidade (13, 14), e, por tal motivo, foi mais cerceada por proibições na ordem educativa e cultural. O início da atividade sexual um pouco mais precoce pelos homens também está pautado nas mesmas considerações.

Tem-se que os jovens, em geral, são uma população sadia, que sofre poucas perturbações em sua saúde. Imagina-se, dessa forma, que existam poucas queixas e/ou dificuldades relacionadas à sua sexualidade. A literatura referente a essa faixa etária é escassa no tocante a esse foco específico do tema. Igualmente são de difícil obtenção dados relativos à satisfação de jovens com relação à sua vida sexual. Muito mais comuns são as referências aos problemas de ordem física, relacionados ao exercício negativo da sexualidade, como as doenças sexualmente transmissíveis, as gestações inoportunas ou indesejadas e as complicações decorrentes de abortos, por exemplo. Nesta pesquisa, os jovens foram inquiridos sobre os aspectos positivos e as dificuldaddes relacionadas à prática sexual e os dados analisados separadamente, por sexo. Como um demonstrativo das mudanças culturais vivenciadas pelas mulheres jovens dos tempos atuais, um percentual muito expressivo dos entrevistados revelou satisfação com a sua vida sexual (70,8%), com a sua frequência das relações (62,5%) e referiu ter desejo sexual sempre ou quase sempre (57,4%). A literatura mostra, ao longo dos tempos, até o marco social e temporal dos movimentos feministas e da descoberta da pílula anticoncepcional, a preponderância da inexpressividade e dificuldades femininas na esfera da sexualidade. Os percentuais acima revelados auxiliam a vislumbrar novas realidades e posturas praticadas pelas mulheres (15).

Paradoxalmente, neste estudo, os homens, mesmo os que tiveram mais parcerias, em geral, mostraram-se mais insatisfeitos com sua vida e performance sexual. Presume-se que, por terem uma menor vontade de desenvolver a intimidade sexual e afetiva, o que exige tempo e dedicação, característica tida como mais feminina, os homens namoravam menos e tiveram menos parceiras fixas, quando comparados às mulheres. Assim, sua queixa residia em estarem menos satisfeitos sexualmente por terem uma frequência de relações, considerada por eles, pouco adequada, apesar de terem um maior número de parceiras com quem se relacionaram no último ano.

Em relação ao homossexualismo, os índices referidos pelas respostas dos entrevistados (0,7%) são inferiores aos localizados na bibliografia pesquisada. Os artigos revisados, no tocante a esse tópico, revelam percentuais mais altos. Em um estudo, encontrou-se prevalência de 4% para homens e 2% para mulheres (16, 17), em outro, 3,2% e 3%, respectivamente (18). É possível explicar esse fato pela dificuldade que os jovens possam ter em definir e/ou assumir e, assim, externalizar a sua orientação sexual. No entanto, a bissexualidade foi referida como um comportamento sexual por algumas pessoas (2,9%). A questão da bissexualidade, até pouco tempo atrás, raramente aparecia descrita em enquetes com a juventude.

Outro assunto difícil de ser abordado e de se obter uma resposta confiável é sobre a violência sexual à qual as pessoas possam ter sido submetidas em algum momento do seu viver. Esta pesquisa revelou que 4,9% dos respondentes afirmaram já ter sofrido algum tipo de agressão sexual, sendo oito mulheres e cinco homens. Ao se comparar esse percentual a estudos brasileiros e a um estudo espanhol, foram encontrados percentuais superiores (8,6% a 17,9%) (19,

007-613_estudo_sobre_a.pmd 404 21/12/2010, 13:41

20, 21), enquanto que um estudo realizado em vários países demonstra dados semelhantes aos encontrados nesta pesquisa (7-36% das mulheres e 3-29% dos homens) (22).

Em relação à masturbação, alguns estudos assinalam que tal prática é menos referida pelas mulheres (11, 23, 24), concordando com os achados deste levantamento. Os motivos provavelmente sejam os mesmos aos relacionados acima, que enfatizam a construção do papel feminino na sociedade.

A dificuldade em responder sobre os temas supracitados (homossexualidade, bissexualidade, violência sexual, masturbação) está provavelmente relacionada a fatores educacionais, sociais, culturais, religiosos e econômicos, que sempre colocaram o assunto da sexualidade como algo rodeado de tabus e preconceitos (13). Porém, ao se realizar perguntas sobre violência sexual e obtermos um número de respostas que, possivelmente, mostre valores subestimados, já denota uma mudança de valores considerada importantíssima, pelo menos, na abordagem desse tema: houve a ruptura do silêncio por ambas as partes, pesquisadores e pesquisados. Sabe-se que o segredo e o silêncio mantido em torno dessas temáticas é um dos importantes fatores que perpetuam a sua existência.

CONCLUSÕES

Ao estudar o comportamento sexual das pessoas que fizeram parte da amostra verificou-se uma mudança no comportamento das mulheres, que iniciaram sua atividade sexual quase na mesma idade e época da vida que os homens. Essa atitude já foi menos comum no passado e na região estudada. Outrosssim, ocorreu para homens e mulheres, deste estudo, uma iniciação sexual mais tardia.

Foram igualmente abordadas questões relativas aos chamados “temas sensíveis”, de análise menos frequente neste tipo de pesquisa, como a orientação sexual dos respondentes e a prevalência de violência/abuso sexual. Nesse contexto, mesmo com números possivelmente subestimados, afloraram dados antes desconhecidos. Assim sendo, conhecer essas realidades se faz importante, uma vez que possibilita idealizar políticas de atenção e educação em saúde direcionadas a essas pessoas, de um modo mais real e mais próximo às suas vivências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Organização Mundial de Saúde. La salud de los jóvenes: un reto y una esperanza. Genebra: OMS; 1995.
2. Balbino GDB, Brasil RG, Furtado RC, Telles FC, Pockel KP, Flosi VG, et al. Sexologia e adolescência. Rev Bras Sexualidade Humana. 1997; 8(1):164-76.
3. Cavalcanti R. A história natural do amor. 1ª ed. São Paulo: Gente; 1995.
4. Seixas AMR. Sexualidade feminina: história, cultura, família, personalidade e psicodrama. 1ª ed. São Paulo: SENAC; 1998.
5. Souza RP, Osório LC, Berger I, Hutz CS. O perfil do educador gaúcho em relação à sexualidade. Rev Bras Sexualidade Humana. 1999; 10(1):89-118.
6. Santos VL, Santos CE. Adolescentes, jovens e AIDS no Brasil. Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento do Ministério da Saúde; 1999(1)223-229.
7. Perkins HW. Surveying the damage: a review of research on consequences of alcohol misuse in college populations. J Studies Alcohol. 2002;14(Suppl Mar):91-100.
8. Oppermann K, Gassen DT, Fracasso JI, Da Rosa LC. Postura dos universitários de Passo Fundo em relação à contracepção e prevenção de DSTs. Revista AMRIGS. 2002; 46(3,4):146-150.
9. Ministério da Saúde. Pesquisa sobre comportamento sexual e percepções da população brasileira sobre HIV/AIDS.1ª ed. Brasília: Coordenação Nacional de DST e AIDS; 2000.
10. Borges ALV, Schor N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. Cad Saúde Pública. 2005; 21(2):499-507.
11. Heilborn ML, Cabral CS. Sexual practices in youth: analysis of lifetime sexual trajectory and last sexual intercourse. Cad Saúde Pública. 2006; 22(7):1471-81.
12. Almeida MCC, Aquino EML, Gaffikin L, Magnani RJ. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. Rev Saúde Pública. 2003; 37(5):566-75.
13. Ceccarecli PR. Sexualidade e Preconceito. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. 2000; 3(3):18-37.
14. Vitiello N. O exercício da sexualidade em fins do século XX. Rev Bras Sexualidade Humana. 1996; 7(1):15-30.
15. Raposo TCS. Grupo de Mulheres: uma perspectiva feminista na terapia sexual. Rev Bras Sexualidade Humana. 1996; 7(1):43-51.
16. Kinsey AC, Pomeroy WB, Martin CE. Sexual Behavior in the Human Female. 2ª ed. Philadelphia: WB Saunders Co; 1953.
17. Kinsey AC, Pomeroy WB, Martin CE. Sexual Behavior in the Human Male. 1ª ed. Philadelphia: WB Saunders Co; 1948.
18. Barbosa RM, Koyama MAH. Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005. Rev Saúde Pública. 2008; 42(Supl 1):21-33.
19. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. Rev Panam Salud Publica. 2004; 16(1):43-51.
20. Pereda N, Forns M. Prevalencia y características del abuso sexual infantil en estudiantes universitarios españoles. Child Abuse & Neglect. 2007; 31:417-26.
21. Schraiber LB, DOliveira AFPL, França Junior I. Violência sexual por parceiro íntimo entre homens e mulheres no Brasil urbano, 2005. Rev Saúde Pública. 2008; 42(Supl 1):127-37.
22. World Health Organization. Guidelines for medico-legal care for victims of sexual violence. 1ª ed. Paris: World Health Organization; 2003.
23. Gallardo MIM, Balboa JLB, M. Manzorro CM. Comportamientos sexuales y uso de preservativos en adolescentes de nuestro entorno. Aten Primaria. 2004; 33(7):374-80.
24. Souza RP, Oliveira JS, Wagner MB, Vinciprova AR. Estudio comparativo sobre el comportamiento sexual de los estudiantes secundarios y universitarios de Porto Alegre, Brasil. Adolesc. Latinoam. 1997; 1(1):20-30.

✉ Endereço para correspondência:
Maria Teresa Aquino de Campos Velho
Avenida Roraima, 1000 – Prédio 26
97050-900 – Santa Maria, RS – Brasil
mtcamposvelho@hotmail.com

Recebido: 25/4/2010 – Aprovado: 2/9/2010

007-613_estudo_sobre_a.pmd 405 21/12/2010, 13:41